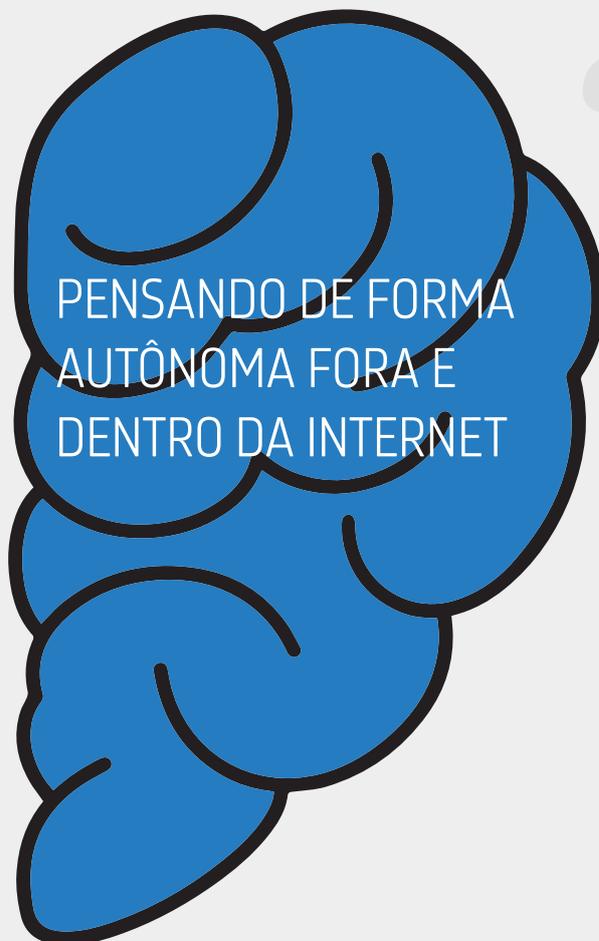




**CORAÇÕES
E MENTES**



**PENSANDO DE FORMA
AUTÔNOMA FORA E
DENTRO DA INTERNET**

Texto e Coordenação Geral:

BERNARDO SORJ – ALICE NOUJAIM

Atividades:

MAURA MARZOCCHI – BRUNO FERREIRA



Plataforma Democrática (www.plataformademocratica.org) é uma iniciativa do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais e da Fundação Instituto Fernando Henrique Cardoso, dedicada ao fortalecimento das instituições e da cultura democrática na América Latina, através do debate pluralista de ideias sobre as transformações na sociedade e na política da região e do mundo.

Revisão: Isabel Penz Pauletti

Copyright do texto © 2020 by FFHC

São Paulo: Edições Plataforma Democrática, 2020

ISBN: 978-65-87503-05-9



Este trabalho pode ser reproduzido gratuitamente, sem fins comerciais, em sua totalidade ou em parte, sob a condição de que sejam devidamente indicados a publicação de origem e seu autor.

5- VIÉS DA NORMALIDADE: CADA PESSOA TEM DIREITO A SER DE SEU JEITO

Todos nós temos os mais variados gostos, em geral adquiridos no convívio familiar e depois com amigos. Eles incluem preferências de comida, a forma de se vestir, padrões de beleza, esportes, times de futebol ou formas de ser — alguns de nós somos mais introvertidos e, outros, mais extrovertidos. O viés da normalidade nos leva a pensar que nossa forma de ser é a única certa e a do resto é errada. Do nosso ponto de vista, temos dificuldade de conceber que aquilo que nos parece normal ou universal é, na verdade, singular, próprio de um grupo de referência dentro do qual convivemos, quando a sociedade se fundamenta na diversidade.

O que chamamos de normal não tem nada a ver com certo ou errado. Certo ou errado se referem às questões de ordem moral, isto é, princípios gerais que servem para respeitar e não machucar nem ofender os outros. Preferências em relação a gostos e hábitos são de ordem pessoal, informadas por contextos culturais, e cada um tem o direito de ser do jeito que quiser. Elas não devem ser usadas para desqualificar os outros.

Tudo aquilo que nós achamos “*normal*” na nossa sociedade, pouco tempo atrás não era. Os modelos de beleza mudam constantemente, seja de tipos de corpos idealizados ou de modas de roupas, e comidas que pareciam exóticas ou indigestas passam a ser consideradas maravilhosas. As primeiras mulheres a usarem calça eram mal vistas, sandálias havaianas eram consideradas “*coisa de pobre*” e viraram moda universal. Não existe “*normal*” em relação a crenças religiosas ou opiniões sobre os mais diversos temas. Cada pessoa deve procurar seu jeito de ser e de pensar, todas as crenças e opiniões são válidas. O que não é válido é ofender aqueles que pensam e acreditam de forma diferente da nossa, ou procurar impor nossas opiniões. Devemos rejeitar a ideia de que temos de fazer algo porque é “*normal*”, ou porque “*todos fazem assim*”. O certo não é o impulso inicial ou o desejo imediato, mas sim aquilo que nos convence porque está de acordo com o que sentimos, pensamos, achamos justo, e que se fundamenta em argumentos razoáveis e preceitos éticos.

Se alguém é diferente de nós, significa que nós somos diferentes dessa pessoa. Nem ela nem nós somos normais ou anormais. ***Simplesmente somos diferentes e, portanto, diversos. A diferença permite a diversidade.***

Se todos pensassem igual, ninguém criaria nada de novo, ninguém teria dúvidas ou curiosidade, pois, cada vez que temos dúvidas, somos curiosos, criativos e refletimos, nos diferenciamos.

Reconhecer o viés da normalidade é reconhecer e respeitar os outros em sua diferença sem a expectativa de que exista uma definição fixa e fechada do que é normal. A diversidade entre as culturas e entre as pessoas é algo a ser celebrado. Uma vez que se aprende a valorizar a diversidade — em vez de simplesmente “*tolerá-la*” — é possível aprender com a diferença. Isso significa ganhar novas perspectivas, novos conhecimentos, desfazer preconceitos (viés da atribuição), e procurar compreender aqueles que são diferentes (empatia).

Muitas vezes, presumimos que nosso comportamento é “*neutro*”, “*normal*”, e que quem é diferente é o “*desvio*” ou faz uma escolha de ser diferente. Na realidade, os hábitos que julgamos serem “normais” e “neutros” podem ser vistos como estranhos por outras pessoas. Por exemplo, na Índia um aipim frito – alimento normal no Brasil – é considerado uma comida exótica. Enquanto isso, um caracol na França é considerado uma iguaria, em alguns países se come carne de cavalo, a lista é interminável. Comer carne animal para uns é aceitável e, para outros, uma barbaridade. Em São Paulo, é normal as pessoas se cumprimentarem com um beijo no rosto, e, no Rio de Janeiro, dando um beijo em cada bochecha. Ser diferente não deve ser confundido com o que é certo ou errado. O diferente é apenas diferente.

Então por que muitas vezes gozamos e maltratamos as pessoas diferentes? As respostas são múltiplas, dentre elas:

- Às vezes simplesmente porque estamos com raiva ou frustrados por alguma outra coisa e descontamos nos mais fracos;
- Porque é uma forma de nos sentirmos superiores quando queremos nos afirmar perante o grupo;
- Porque a forma de ser do outro nos deixa inseguros.

Como nos fechamos em bolhas, as redes sociais facilitam a tendência a achar nosso jeito de ser como certo e o resto como errado, reforçando o viés da normalidade. As bolhas facilitam o assédio e a ofensa, porque as mensagens circulam entre pessoas que possuem as mesmas afinidades. As redes sociais nos dessensibilizam mensagens circulam entre pessoas que possuem as mesmas afinidades. As redes sociais nos dessensibilizam — é mais fácil enviar uma mensagem quando não temos de suportar o sofrimento que causa no outro.

As redes sociais, apesar de serem locais de grande exposição, são praças em que não precisamos ver a reação, face a face, de quem recebe nossos comentários. Por isso, muitas vezes servem como um refúgio para aqueles que ofendem, assediam ou praticam bullying.

Conversar com calma, ouvir o outro com atenção e conhecer maneiras diferentes de ser, agir e pensar não significam necessariamente gostar ou concordar, mas sim respeitar. ***O exercício de respeitar sem concordar é fundamental no convívio social.***

VALOR FORMATIVO

Abrir-se para maneiras diferentes de pensar e agir é um jeito de alargar as próprias percepções. Quando não assumimos que nossas opiniões e nosso jeito de fazer as coisas são a única forma de ser, é mais fácil enxergar formas diferentes como alternativas interessantes. Entrar em contato com pessoas diferentes sem partir da premissa de que estão erradas nos permite aprender com o que parece estranho, inclusive como uma forma de autoconhecimento, ou seja, de melhor compreender por que somos como somos. Não há nada de errado em gostar do jeito que somos. O errado é maltratar as pessoas que são diferentes de nós.

CONSELHOS

Na medida em que os jovens convivem com atitudes de tolerância e respeito, eles tenderão a reproduzi-las, afinal, a formação de valores se faz, em grande medida, pela experiência e pelo exemplo. Os jovens precisam se sentir confortáveis para fazer perguntas — tanto aos pais quanto aos professores — que podem parecer difíceis e, em situações de grupo, potencialmente ofensivas. Na hora de organizar conversas coletivas, é preciso uma forte mediação para que todos se sintam respeitados e seguros para perguntar e responder.

- Introduzir nas lições referências de outras culturas, como músicas, filmes e fotografias. Essa é uma maneira constante e eficaz de colocar os jovens em contato com a diferença e a diversidade.

RECURSOS ON-LINE:

<https://new.safernet.org.br/content/infografico-bullying>

<https://new.safernet.org.br/content/o-que-e-ciberbullying>

<https://marcuspessoa.com.br/6-casos-de-cyberbullying-que-tiveram-final-tragico/>

Cyber Bullying (UNICEF) *<https://www.youtube.com/watch?v=asT-ti6y39xI>*

Atividades capítulo 5

VIÉS DA NORMALIDADE: CADA PESSOA TEM DIREITO A SER DE SEU JEITO

ATIVIDADE I

Autor	Bruno Ferreira
Capítulo	Análise de campanhas publicitárias
Nome da atividade	Pensando em nossos preconceitos
Objetivos de aprendizado	Problematizar padrões e refletir sobre o que é considerado normal e socialmente aceito, identificando preconceitos e estigmas.

ETAPA - descrever

ACESSAR / EXPERIÊNCIA CONCRETA

O professor deve pesquisar campanhas acerca de uma mesma temática em que, em uma delas, haja maior diversidade de estereótipos ou a valorização de padrões de beleza. Campanhas como “Dove - Retratos da real beleza” e “Donas dessa beleza”, da Avon, são exemplos interessantes para explorar a questão da diversidade como valor. Comerciais de cerveja, no geral, podem ser objetos interessantes para explorar estereótipos e padrões.

Opção digital: a atividade pode ser proposta a partir da disponibilização de imagens das campanhas em alguma plataforma de ensino remoto ou a distância.

OBSERVAR / REFLETIR

A fim de estabelecer uma comparação entre as campanhas, apresente duas imagens à turma: uma que valorize a diversidade e a outra que ressalte padrões. A partir delas, provoque uma discussão a partir das questões:

- Qual dessas imagens apresenta pessoas com as quais estamos mais acostumados a lidar e presenciar? Como essas pessoas costumam enxergar a si mesmas, seus corpos?
- Qual dessas imagens apresenta pessoas que costumamos julgar como bonitas? O que nos leva a considerar essas pessoas bonitas e não as da outra campanha?
- Qual dessas campanhas valoriza mais a diversidade e por que essa valorização é importante?

CONCLUIR

Conforme a discussão acontece, você pode introduzir conceitos de obesofobia, racismo, machismo e outras formas de preconceito, evidenciando que estes ainda orientam boa parte do imaginário social e são reforçados por campanhas publicitárias e outros produtos culturais dos meios de comunicação.

VARIAÇÕES

Para faixas etárias diferentes	Essa atividade pode ser utilizada para todas as faixas etárias do Ensino Fundamental 2
Sugestão de filmes para discutir	<i>“Pequena Miss Sunshine”</i> (2006) +4 <i>“O escafandro e a borboleta”</i> (2007) +14 <i>“Corra!”</i> (2017) +14 <i>“Colegas”</i> (2012) +12 <i>“Shrek”</i> (2001) Livre <i>“De volta para o futuro”</i> (1985) Livre <i>“Adeus, Lênin!”</i> (2003) +14

ATIVIDADE 2

Autor	Bruno Ferreira
Capítulo	Viés da normalidade
Nome da atividade	A normalidade na história
Objetivos de aprendizado	Compreender as transformações culturais como um processo e entender de que maneira estas influenciam o conceito de normalidade.

ETAPA - descrever

ACESSAR / EXPERIÊNCIA CONCRETA

Esta atividade pode partir de diferentes propostas:

- Desenvolver com alunos pesquisa sobre hábitos, usos e costumes ao longo da história (etiqueta, moda, música etc.). - <https://fashionhistory.fitnyc.edu/> -
- Alunos entrevistam pessoas mais velhas da família, de seu convívio social, da escola, da comunidade, etc., para saber como se fazia, antigamente, para pesquisar um contato telefônico, endereço e trajeto a lugares desconhecidos.
- Entrevistar familiares adultos sobre aparência e comportamento em seus tempos de juventude: estilos de roupa e cabelo socialmente aceitos como bonitos, formas de flertar e elogiar.

Opção digital: a atividade pode ser proposta de forma assíncrona, a partir de alguma plataforma de ensino remoto ou a distância, com discussão posterior em videoconferência.

OBSERVAR / REFLETIR

Nesse processo, estudantes devem compartilhar suas descobertas com a turma, evidenciando o que antes ou em outras culturas era/é considerado normal em contraste com a sua cultura e hábitos. Se possível, devem explicar como se deu a transformação do que antes ou em outras culturas se entendia como normal e hoje poderia ser percebido com estranhamento pelas pessoas.

CONCLUIR

Você pode finalizar a atividade destacando que a diversidade também existe em uma mesma cultura, ressaltando as diferentes referências e modos de ser de pessoas que fazem parte de um mesmo país, de uma mesma cidade e até mesmo de uma mesma

família. E que os modos de ser do outro precisam ser respeitados para que haja um bom convívio. Para isso, você pode recorrer a imagens de famílias que acolham a diversidade como um valor ou que retratem costumes regionais brasileiros, relacionados à alimentação e arte popular, por exemplo.

VARIÇÕES	
Para faixas etárias diferentes	Essa atividade pode ser utilizada para todas as faixas etárias do Ensino Fundamental 2
Sugestão de filmes para discutir	<i>“Casamento grego”</i> (2002) Livre <i>“Crianças reagem a uma máquina de escrever”</i> (2014) Livre <i>“Driblando o destino”</i> (2002) Livre <i>“Janela da alma”</i> (2001) Livre <i>“Dudu e o lápis cor de pele”</i> (2018) Livre

WWW.CORACOESMENTES.ORG.BR

